

## A CONCEPÇÃO DE HISTÓRIA NA PEDAGOGIA DE JOHN DEWEY

Rodrigo Augusto de Souza<sup>1</sup>

Maria Cristina Gomes Machado<sup>2</sup>

### RESUMO

Neste trabalho analisamos a concepção de História na Pedagogia de John Dewey (1859-1952). A história recebe uma nova “significação” no pensamento deweyano. Com isso, temos implicações pedagógicas para o encaminhamento dessa nova visão de História como disciplina escolar. Nessa intenção, apresentamos o conceito “tradicional” de História, de tendência escolástica e cientificista. Essa noção de História, fortemente arraigada na educação tradicional, foi criticada por Dewey, que apresentou novos pressupostos à compreensão da História. Nesse estudo, enfatizamos o que Dewey chamou de “significação” e de como essa idéia se aplica ao entendimento da História e à sua efetivação como disciplina curricular. Por fim, mostramos como o pragmatismo de John Dewey fundamenta essa nova compreensão da História e da sua configuração como disciplina escolar.

**Palavras-chave:** História; Pragmatismo; Escola-Nova; John Dewey.

### THE CONCEPTION OF HISTORY IN THE PEDAGOGY OF JOHN DEWEY

### ABSTRACT

This article analyzes the concept of history in the Pedagogy of John Dewey (1859-1952). The history gets a new "significance" in the Deweyan thought. Thus, we have pedagogical implications for the delivery of this new vision of history as a discipline school. This intention, we present the concept of "traditional" history, of tendency scholastic and scientific. This notion of history, strongly rooted in traditional education, was criticized by Dewey, who presented new paradigms for the understanding of history. In this study, emphasize what Dewey called the “significance” and how this idea applies to understanding of history and its effectiveness as a curricular discipline. Finally, we show how the pragmatism of John Dewey founded this new understanding of history and its configuration as a discipline school.

**Keywords:** History; Pragmatism; New-School; John Dewey.

---

<sup>1</sup> Licenciado em Filosofia pela PUCPR, Mestre em Educação pela PUCPR e Doutorando em Educação pela UEM. Email: rodrigoaugustobr@yahoo.com.br.

<sup>2</sup> Graduada em Pedagogia pela UEM, Mestre em Educação pela UEM e Doutora em Educação pela UNICAMP. Email: mcgmachado@uem.br.

## Introdução

A História, como disciplina escolar, em face da educação tradicional, por muito tempo foi compreendida distante da experiência cotidiana dos indivíduos. O passado era estudado em si mesmo, apenas para aquisição da cultura “clássica”. A noção de História era o “estudo do passado”, dos fatos, acontecimentos e personagens que marcaram as gerações e as sociedades anteriores ao nosso tempo. A crítica de John Dewey (1859-1952), a esse conceito de História reside na consideração de que, adquirir a cultura “clássica”, significa muitas vezes receber um conhecimento “estéril e inútil”, que não serve à vida dos indivíduos.

Para Dewey (1958), a História, a Filosofia e as demais experiências humanas, deveriam ser reconstruídas pelo seu viés pragmático e utilitário. Essa idéia é defendida de modo particular na obra *“Filosofia em Reconstrução”*. A História não recebe uma atenção privilegiada nessa obra de Dewey, no entanto, está claro o ideal de reconstrução da experiência, do conhecimento humano, da superação das dicotomias que marcaram o pensamento ocidental. Trata-se da busca pela unidade da experiência.

A noção de “reconstrução”, característica da filosofia de John Dewey, foi responsável por uma nova configuração pedagógica da História, como disciplina escolar. Nosso trabalho procura apontar quais são os elementos desse novo estatuto curricular da disciplina de História na pedagogia deweyana. Em que sentido a História recebe uma “inovação” na pedagogia de Dewey em relação à educação tradicional? O que Dewey quis dizer quando afirmou que a História precisa de uma “significação”? Optamos pela abordagem da história das idéias pedagógicas como caminho teórico-metodológico para esse estudo.

Precisamos oferecer atenção ao contexto histórico de surgimento da Pedagogia de John Dewey, isto é, os Estados Unidos da segunda metade do século XIX e da primeira metade do século XX. Trata-se do período de transição da hegemonia para a crise do capitalismo industrial, que culminará com a “quebra” da bolsa de Nova Iorque, em 1929. Esse evento mergulhou o país de Dewey em uma profunda crise econômica. Além disso, Dewey assistiu às duas grandes guerras mundiais do século XX. Temos o surgimento de novas ciências como: a sociologia, a psicologia e a biologia. Esses elementos marcaram decisivamente a pedagogia de Dewey.

Segundo Cunha (1998), John Dewey teve uma origem humilde. Era filho de um proprietário de armazém, na cidade Burlington, no estado de Vermont, onde nasceu em 1859. Desde criança aprendeu o que significava o trabalho, realizando pequenas tarefas manuais no estabelecimento de sua família. Formou-se em Artes pela Universidade de Vermont no ano de 1879. Na Universidade Johns Hopkins obteve o doutorado em Filosofia no ano de 1884, com uma tese sobre a Psicologia de Kant. Recebeu influência do protestantismo em seu pensamento, uma vez que sua família professava a fé congregacionalista. Lecionou em várias universidades norte-americanas, principalmente em Chicago e Columbia. Na Universidade de Columbia, em Nova Iorque, fixou sua

permanência acadêmica, atuou na instituição por mais de 25 anos. Publicou inúmeros trabalhos e livros, é dono de uma obra muito vasta. Sua vida foi longa, chegou à idade de 92 anos. Realizou inúmeras viagens, proferiu conferências por diversos países e conheceu vários modelos de educação, inclusive na Antiga União Soviética. Participou do julgamento de Trotsky, no México. Faleceu no ano de 1952.

Uma análise da História em Dewey está presente no capítulo 16 da obra *“Democracia e Educação”*. Nessa parte do livro a História aparece ao lado da Geografia no ideal de reorganização curricular em vista da educação progressiva ou “nova”, defendida por Dewey. O capítulo se intitula: *“A Significação da História e da Geografia”*. Assim como faz com a Filosofia, Dewey afirma que a imaginação e o desejo têm um papel fundamental no direcionamento do conhecimento e da História para fins práticos e concretos na vida dos indivíduos. A inovação oferecida por Dewey no campo da História está na afirmação de que ela se relaciona diretamente com o presente. A História é uma forma de compreensão do presente.

### **O Conceito “Tradicional” de História**

A crítica deweyana à noção de História isolada da experiência cotidiana dos indivíduos pode ser entendida ao lado do conceito de educação tradicional desenvolvido pelo filósofo e educador norte-americano. No livro *“Experiência e Educação”*, Dewey descreve detalhadamente o que considera educação tradicional e ao mesmo tempo compara seus limites em relação à educação progressiva ou “nova”. A História, como disciplina escolar, segundo a análise de Dewey, deveria se livrar de sua tendência “livresca” e “enciclopedista”.

A matéria ou conteúdo da educação consiste de corpos de informação e de habilidades que se elaboraram no passado; a principal tarefa da escola é, portanto, transmiti-los à nova geração. No passado, também padrões e regras de conduta se estabeleceram; logo, educação moral consiste em adquirir hábitos de ação em conformidade com tais regras e padrões. Isso faz da escola uma instituição radicalmente diferente das outras instituições sociais (DEWEY, 1974, p. 4).

É preciso levar em conta o que Dewey entende por tradicional. Para o filósofo, o tradicionalismo em educação tem duas vertentes: a escolástica, com o pensamento aristotélico-tomista, e a pedagogia “científica”, de Johann Friedrich Herbart (1776-1841). Essas duas abordagens teóricas influenciaram decisivamente educação e o ensino de História. O esforço de Dewey se faz no sentido de livrar a educação e a História dessa influência, que ele considera inadequada.

A oposição de Dewey à escolástica se dá por esta apegar-se à verdade metafísica. Por insistir demais na transcendência, se converte em uma filosofia “contemplativa” do mundo. Assim, a escolástica não é uma filosofia ativa e por isso não pode contribuir para a transformação do mundo segundo os interesses individuais e coletivos. Já a pedagogia “científica” de Herbart insiste no rigor e na disciplina como meios adequados à educação.

Para o pensamento deweyano isso significa restringir a liberdade do indivíduo e oferecer um rigor metodológico para o conhecimento que novamente o separa da vida prática. Considera o filósofo americano:

Desde que as matérias de estudo, tanto quanto os padrões de conduta apropriada nos vêm do passado, a atitude dos alunos, de modo geral, deve ser de docilidade, receptividade e obediência. Livros, especialmente manuais escolares, são os principais representantes do conhecimento e sabedoria do passado e os professores são os órgãos, por meio dos quais, os alunos entram em relação esse material (DEWEY, 1974, p. 5).

Podemos afirmar que a História está impregnada, como a filosofia, da tradição do pensamento europeu ou do “velho mundo”, nas palavras de Dewey. Segundo sua visão, a filosofia européia se constituiu em uma tradição à parte da experiência de vida dos indivíduos. O mesmo se pode dizer da História. De certo modo, o pensamento do “velho mundo” é sinônimo de tradicionalismo para Dewey. Livrar-se dessa influência “européia”, ou demasiadamente teórica, é uma tarefa da História e da filosofia. É preciso adequar a História a interesses práticos e fazer da filosofia um pensar sobre a própria vida.

O principal intérprete de John Dewey no Brasil, Anísio Teixeira (1900-1971), em sua obra *“Educação e Mundo Moderno”*, comentando a filosofia deweyana, não poupa críticas à historiografia que supervaloriza a sociedade grega e medieval. Quando trata da colonização do Brasil, Anísio não deixa ileso o ideário colonizador português, ao contrário, reconhece nele as causas do “arcaísmo nacional”. Na interpretação que oferece à História do Brasil, entende que os portugueses, alicerçados na cristandade, impuseram uma cultura “espiritual” e “contemplativa” do mundo. Desprezando assim, os temas práticos do cotidiano.

Os antigos e superados períodos da evolução humana à luz das suas próprias condições, as suas respectivas filosofias nos surgem como esforços de racionalização perfeitamente coerentes e, se quiserem, admiráveis; mas, tão intransplantáveis para a nossa época quanto as armaduras dos cavaleiros medievais ou a consulta aos oráculos na Grécia. A filosofia e o “espírito” de cada época são produtos, quiçá subprodutos de sua cultura, não sendo possível “espiritualizar” uma civilização com tais produtos ou subprodutos de outras (TEIXEIRA, 1969, p.30).

Isso não significa que Anísio Teixeira, seguindo John Dewey, não reconhecesse a importância dos clássicos. O pensamento deweyano está em diálogo constante com os clássicos, sobretudo da filosofia grega. Tanto Dewey quanto Anísio reconhecem o valor do pensamento clássico, no entanto, são contrários à valorização do passado em detrimento do presente. Toda a História é vista em função do presente, e deve levar os indivíduos e a coletividade a fins práticos.

A filosofia, bem como as demais experiências humanas, segundo a visão do pragmatismo e também deweyana, deve ser reconstruída, isto é, pensada sob o viés

utilitário, pragmático, que até então permaneceu distante do universo do conhecimento. Para Dewey e os pragmatistas, o conhecimento, que até então era visto em si mesmo, distante de sua significação útil, e ainda justificado por uma lógica racionalista que o legitimava, deveria se aproximar da experiência cotidiana.

Tratava-se da superação das dicotomias geradas pelo dogmatismo gnosiológico que buscava para si uma fundamentação supra-natural. Contra isso afirma o pragmatismo a necessidade da substituição desse modelo de dogmatismo pelo método experimental.

### **A Significação da História**

No livro *“Democracia e Educação”*, John Dewey trata especificamente da História como disciplina escolar. Ela é apresentada ao lado da Geografia. Para Dewey, ambas deveriam passar por uma experiência de significação. Esse é um tema caro ao pragmatismo. Vale lembrar que Charles Peirce (1839-1914), é quem elabora o conceito de semiótica, como teoria da significação, aplicado ao horizonte do conhecimento científico e da lógica.

De acordo com Shook (2002), o pragmatismo tem início com o filósofo norte-americano Charles Peirce. Filho de um importante professor de Matemática da Universidade de Harvard, Peirce nasceu em Cambridge, no estado de Massachusetts. Graduou-se em Ciências durante o ano de 1863, na mesma instituição onde seu pai fora professor. Alcançou grande sucesso nas Ciências, trabalhando por muitos anos no projeto de “Levantamento Geodésico da Costa dos Estados Unidos”, programa de pesquisa científica financiado pelo governo. Apesar da notoriedade científica, tinha grande interesse pela filosofia e, em 1879, começou a lecionar Lógica e Metodologia Científica na Universidade Johns Hopkins, em Baltimore, onde foi professor de John Dewey. Peirce tinha uma personalidade difícil, foi exonerado do cargo de docente já em 1880. Sua filosofia é definida como “primeiro pragmatismo” ou como ele mesmo preferia: “pragmaticismo”. Publicou poucas obras, vindo a falecer em 1914.

Para Dewey, seguindo a perspectiva da semiótica de Peirce, “as palavras História e Geografia sugerem unicamente as matérias tradicionalmente ensinadas nas escolas. O volume e a variedade dessas matérias desanimam os que tentam ver em que realmente consistem, e como podem ser ensinadas para cumprirem sua missão na experiência dos alunos”. (DEWEY, 1959, p. 232). A pergunta que podemos fazer é: Dewey elabora e defende uma semiótica da História?

Antecipamos em dizer que sim. Se considerarmos a semiótica como experiência de conferir significado e sentido à realidade e ao conhecimento, a resposta é afirmativa. Podemos dizer que Dewey aplica o esquema da semiótica de Peirce, com uma feição que lhe é própria, à História e à Geografia.

Peirce ciente de que sua teoria signica, inferencial da ação mental, da cognição e da natureza do ser humano, inaugurava um novo horizonte a partir do qual não havia retorno possível. Ligando a epistemologia a uma teoria social da lógica, baseada na sua noção do signo como inelutavelmente social, ele fundamentou a indução em sentimentos altruístas. Assiste-se aí ao nascimento de sua concepção do trabalho científico como uma atividade movida, prioritariamente, pelo amor à verdade (SANTAELLA, 2004, p. 59).

Com a aplicação de noções da semiótica à História, Dewey defende essa experiência pragmática de significação para a sua constituição como disciplina escolar. A Geografia e a História na educação tradicional eram vistas como desconexas da vida cotidiana das pessoas. Assim, a primeira era basicamente uma estatística e a outra um estudo que cultuava os feitos da cultura clássica. Na concepção deweyana, a geografia consiste em um estudo físico das relações espaciais, por isso deve se relacionar com a vida. A História trata do ensino sistematizado, estudado por um indivíduo, que se volta mais para o social, mas que está em conexão com a vida.

As significações com que os atos se enriquecem dizem respeito à natureza e ao homem. Isto é um evidente truísmo que adquire, contudo, significação quando traduzido em equivalentes educacionais. Significa, então, que a geografia e a história fornecem material que criam o fundo de quadro e a perspectiva intelectual para aquilo que de outra forma seriam simples ações estreitamente pessoais ou meras modalidades de perícia técnica. Não somos cidadãos de nenhuma insignificante aldeia ao descobrirmos o espaço a cena de que somos participantes e a continuidade da manifestação dos esforços no tempo, da qual somos herdeiros e participantes (DEWEY, 1959, p. 229).

As duas disciplinas escolares sempre foram vistas como mundos estranhos à experiência cotidiana, dois mundos distintos. Na Geografia e na História se inserem nossas vidas, espacial e temporalmente. Na medida em que a História “tornar explícitos os elementos humanos nela implícitos”, e a Geografia tratar das relações naturais, “[...] dois aspectos do mesmo todo vivo, uma vez que a vida humana associada se processa na natureza, que o seu cenário material e meio de operar seu desenvolvimento”. (DEWEY, 1959, p. 240).

É preciso transformar o estudo da Geografia em um verdadeiro estudo da natureza, em associação com a vida humana. Não apenas uma matéria a ser repetida ao infinito pela escola, mas presente na vivência dos alunos. A História humana serve para uma valorização e reflexão ética. Ela nos permite o julgamento moral, por isso, Dewey fala de um “uso social da história”. Para o pensamento deweyano, “o conhecimento do passado é a chave para a compreensão do presente”. Sim, afirma Dewey, a História trata do passado, mas o passado é a História do presente.

De acordo com a noção de História em Dewey, não pode haver divisão radical entre o passado e o presente. O presente inclui em si o passado e começa o futuro. Segundo Dewey, a educação é a transformação direta da qualidade da experiência, que pode ser pessoal ou social. Afirma que o presente não é uma coisa que continua depois do passado e, muito menos, uma coisa produzida por esse passado. Ele é aquilo que é a vida ao deixar o passado para trás.

O conhecimento do passado é de grande importância quando esse contexto se incorpora ao presente. O passado é passado justamente por que não encerra o que é característico do presente. O passado é um grande recurso para imaginação – ele acrescenta uma nova dimensão à vida, mas com a condição de que seja visto como o passado do

presente. A história não pode mais ser compreendida, segundo Dewey, como outro mundo, sem relação com o presente.

Uma filosofia ajustada ao presente deve tratar daqueles problemas que resultam de mudanças que se processam num setor humano-geográfico em escala cada vez mais ampla e com poder de rapidez e de penetração cada vez mais intenso; eis aí uma indicação bem marcante da necessidade que se faz sentir de uma espécie de reconstrução diversa, em todos os sentidos, daquela que está agora em evidência (DEWEY, 1958, p. 3).

Para o filósofo e educador norte-americano, o pragmatismo surge com a intenção de reparar o atraso da filosofia em relação ao mundo moderno. O mundo moderno é palco de inúmeras revoluções. Podemos citar entre elas: a revolução científica, protagonizada por Bacon, com o método científico e a fundação da ciência moderna; a revolução industrial, ocasionada devido ao avanço do capitalismo aliado com o desenvolvimento da ciência e a revolução política, representada pelo pensamento democrático e pelo liberalismo.

## A Reconstrução da Experiência

O conceito de reconstrução da experiência é fundamental no pensamento de John Dewey. Podemos sustentar que ele é o cerne do pensamento epistemológico deweyano. A grande intenção de Dewey em sua filosofia foi proporcionar a reconstrução da experiência. Para isso, seria necessário superar os profundos dualismos ou antagonismos que marcaram a história do pensamento ocidental.

A busca pela unidade da experiência em Dewey é a procura por conjugar conceitos ou realidades aparentemente opostas. Reunir em um mesmo plano, pensamento e ação é o seu objetivo. A atividade intelectual, para Dewey, não pode estar separada do fazer prático ou da vida cotidiana. Na análise deweyana há uma crítica dirigida à cultura grega da antiguidade que teria introduzido na história o desprezo do trabalho físico em favor do trabalho intelectual. Considerando assim, o trabalho manual propriamente dito, uma forma inferior de atividade humana.

Em seu livro *“Conhecimento, Valor e Educação em John Dewey”*, Maria Isabel Moraes Pitombo sustenta que o “criticismo” é um postulado metodológico da filosofia de Dewey. É válido lembrar que sua tese de doutorado, defendida na *Johns Hopkins University*, foi sobre a psicologia de Kant. Disso é possível entender que Dewey conhecia profundamente o pensamento kantiano e o seu criticismo metodológico. Sendo assim, o seu recurso ao criticismo pode ser expressão da influência de Kant sobre sua filosofia. Essas idéias de Dewey são fundamentais para a compreensão da sua noção de História e de sua crítica à filosofia. “Os fenômenos encobrem as coisas em si. Logo a experiência separa-nos da natureza por um véu”. (PITOMBO, 1974, p. 43).

Para Dewey (1959), a experiência na educação pode se dar de duas maneiras: uma passiva, ligada à consequência prática da experiência e outra ativa, presente nas diferentes tentativas de experimentação. Desse modo, a experiência não é primariamente cognitiva. O aprendizado na proposta deweyana se dá pela experimentação. Ele se realiza em uma

espécie de associação retrospectiva e prospectiva entre aquilo que fazemos às coisas e aquilo que em conseqüência essas coisas nos fazem gozar ou sofrer.

Uma primeira característica que podemos apresentar a respeito da experiência é a de que ela é ativo-passiva. Não é primariamente cognitiva, mas receptiva, não-ativa de início. Ela é uma tentativa de significação. Em um segundo plano, está a constatação de que o valor de uma experiência reside na percepção das relações ou continuidades a que elas nos conduzem. Aqui se trata propriamente da experiência cognitiva enquanto tal. Ela é cognitiva por que é cumulativa, ou seja, se relaciona com as demais experiências da comunidade humana que se somam a do indivíduo que a realiza. É também significativa, isto é, está relacionada ao interesse do indivíduo.

A experiência deve relacionar e associar os conhecimentos. Podemos falar de dois tipos de apreciação na experiência: reflexiva e irreflexiva. O primeiro modelo é o pensamento reflexivo proposto por Dewey. Já o segundo é a proposta da passividade, da metodologia que desconsidera a ação prática no pensamento.

A filosofia deweyana é um pensamento que se percebeu na tentativa de conectar o pensamento reflexivo com os acontecimentos da experiência diária. O método empírico, do qual o pragmatismo faz parte, requer da filosofia que os métodos refinados sejam submetidos à experiência primária, que está no plano da relação com as emoções e impressões primeiras. Suas conclusões devem ser trazidas à experiência ordinária, em toda a sua rudeza, a fim de serem verificadas, assim a filosofia se torna uma crítica de preconceitos.

Dewey critica as filosofias que se distanciaram da experiência ordinária: escolasticismo, sensacionismo, racionalismo, idealismo, realismo, empirismo, transcendentalismo e o próprio pragmatismo. Afirma que: *uma filosofia empírica é, de qualquer modo, algo como despir-se intelectualmente*. Ao que poderíamos acrescentar, com a intenção de aproximar mais o pensar da vida prática, da experiência comum. (DEWEY, 1958, p. 185).

Um único princípio garante unidade ao pensamento deweyano: a continuidade. Dewey considera que a filosofia clássica isolou o eu do mundo, o conhecimento da ação e a teoria da prática. O pensamento deweyano, nesse sentido, como construção teórica, responde a uma necessidade eminentemente prática do mundo uno no qual crê o filósofo tão fervorosamente. Trata-se da necessidade de estabelecer uma organização social que estimule a flexibilidade das interações entre os indivíduos. Esse ideal de continuidade está presente, entre outras obras, em *“Democracia e Educação”*, considerada sua obra-prima.

A ação prática do pensamento é a reflexão. Esta surge em situações de dúvida. Por isso, a reflexão é “um meio de investigar e observar as coisas”. É uma “pesquisa daquilo que se acha à mão”. A experiência reflexiva leva a ver a unidade das coisas, mas é, também, prospectivo, no qual a visão retrospectiva “[...] tem valor na proporção de solidez, segurança e fecundidade com que garante essas ações no futuro”. (DEWEY, 1959, p. 166).

O pensamento deweyano quer a solidificação da medida prática no pensamento, quer justificar e racionalizar a medida prática. O princípio de continuidade de Dewey afirma que a mente tem lugar e função na natureza, por isso, o mundo é uno, o homem pertence a ele e à natureza, não está isolado, como defendia a tradição filosófica clássica.

## Considerações Finais

O pensamento de John Dewey oferece novos pressupostos para se pensar a História como disciplina escolar. Uma nova configuração epistemológica para a sua inserção como parte integrante do currículo escolar é necessária frente ao projeto deweyano de educação progressiva ou “nova”. Não seria possível a realização da pedagogia “ativa” ou a “transformação da escola”, de que fala Anísio Teixeira, sem uma mudança no estatuto curricular da disciplina de História. Esse novo estatuto apresentado por Dewey não é formal, nem rígido, muito menos fixado para sempre.

A concepção deweyana de História revela claramente a sua crença no liberalismo e no ideal democrático. Temas como a liberdade, o interesse e a ação individual ou coletiva estão presentes nessa nova forma de se compreender a História. Dewey sempre é associado ao liberalismo e ao capitalismo industrial. Suas idéias confirmam sua opção política e social. No entanto, o pensamento deweyano parece inovar ao propor a noção de “significação” da História. Isso não quer dizer apenas uma “psicologia”. Dewey, ao nosso entender, defende uma semiótica da História como teoria de significação.

Um ponto no qual Dewey parece contribuir à compreensão da História e, no seu desenvolvimento como parte do currículo escolar, é na consideração de que ela está em permanente conexão com o presente. A História deixa de ser o “estudo do passado” em si mesmo, para se tornar uma forma de compreender o presente.

## REFERÊNCIAS

AMARAL, Maria Nazaré de C. Pacheco. *Dewey: Filosofia e Experiência Democrática*. São Paulo: Perspectiva/Edusp, 1990.

CUNHA, Marcus Vinícius. *John Dewey: Uma Filosofia para Educadores em Sala de Aula*. Petrópolis: Vozes, 1998.

DEWEY, John. *A Filosofia em Reconstrução*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1958.

\_\_\_\_\_. *Como Pensamos*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1953.

\_\_\_\_\_. *Democracia e Educação*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1959.

\_\_\_\_\_. *Experiência e Educação*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1974.

\_\_\_\_\_. *Experiência e Natureza*. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

JAMES, William. *Ensaio de Empirismo Radical*. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

\_\_\_\_\_. *O Significado da Verdade*. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

\_\_\_\_\_. *Pragmatismo*. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

LUZURIAGA, Lorenzo. *História da Educação e da Pedagogia*. 15ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1984.

OZMAN, Howard A. & CRAVER, Samuel M. *Fundamentos Filosóficos da Educação*. Porto Alegre: Artemed, 2004.

PITOMBO, Maria Isabel Moraes. *Conhecimento, Valor e Educação em John Dewey*. São Paulo: Pioneira, 1974.

SANTAELLA, Lúcia. *O Método Anticartesiano de C. S. Peirce*. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

SHOOK, John R. *Os Pioneiros do Pragmatismo Americano*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

TEIXEIRA, Anísio. *Educação e Mundo Moderno*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1969.